

Oralidade e escrita: o hibridismo no Twitter¹

Alana Kercia BARROS Demétrio²
Maria Helenice Araújo COSTA³

RESUMO: A relação entre oralidade e escrita vem deixando de ser pensada em termos de uma contraposição reducionista que desconsidera os múltiplos aspectos envolvidos na estruturação dos gêneros textuais. Neste artigo, pretendemos discutir como as estratégias discursivas adotadas na negociação de sentidos estabelecida entre os interlocutores no Twitter aproximam esse gênero escrito de gêneros prototípicos orais, como a conversação face a face. Apoiando-nos nas contribuições teóricas de Gee (2006), Marcuschi (2002; 2006); Marcuschi e Dionísio (2007), Violi (2009), dentre outros autores, concluímos que, assim como outros gêneros emergentes das novas práticas sociais consolidadas a partir dos avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas, o Twitter acomoda formas de comunicação híbridas que desafiam a visão dicotômica a respeito das modalidades da língua.

Palavras-chave: Twitter; gêneros híbridos; oralidade e escrita.

ABSTRACT: The relationship between orality and literacy is no longer seen as a reductionist opposition that ignores the many aspects involved in the way textual genres are structured. In this article, we aim to discuss how the discursive strategies adopted in the meaning negotiation which is established between interlocutors on Twitter make this written genre similar to prototypical oral genres, such as face-to-face conversation. Based on the theoretical contributions of Gee (2006), Marcuschi (2002, 2006); Marcuschi and Dionysus (2007), Violi (2009), among other authors, we came to the conclusion that Twitter, just like other genres that have been rising from practices set by technological advances in the past decades, accommodates such hybrid forms of communication that it challenges the dichotomy regarding the modalities of language.

Keywords: Twitter, hybrid genres, orality and literacy.

1 Uma versão adaptada deste trabalho foi apresentada como comunicação oral no III CHIP, que aconteceu na Universidade Estadual do Ceará – UECE, nos dias 04 e 05 de outubro de 2012.

2 Mestranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista da CAPES. Fortaleza – CE. Correio eletrônico: alanakerciab@gmail.com.

3 Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC) – Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza – CE. Correio eletrônico: mariahelenicearaujo@gmail.com.

Introdução

As estratégias de produção e recepção textual no Twitter aproximam esse gênero⁴ da interação face a face. Ao produzirem enunciados no *site* de rede social, os interlocutores parecem pressupor o compartilhamento da situação de elocução. Dessa forma, dentre outros processos, os enunciadores tendem, na negociação de sentidos, a “abusar” do emprego de dêiticos e de outras expressões referenciais que seriam consideradas marcadoras de alta acessibilidade, de acordo com a teoria da acessibilidade de referentes de Ariel (2001).

Ao investigar as especificidades do *e-mail* como gênero textual, Violi (2009) lança um questionamento: podemos reduzir diferenças entre diálogos orais e escritos à oposição escrito vs oral? Os exemplos que autora apresenta em seu trabalho revelam a incoerência de tal postura reducionista. De fato, conforme Gee (2006), uma vez que tanto a oralidade como a escrita se apoiam em interações contextuais, não faz sentido analisarmos escrita ou fala isoladamente; seria mais acertado estudarmos um determinado gênero da linguagem.

Por se tratar de um gênero que vem se consolidando entre nossas práticas sociais há não muito tempo, podem se fazer necessários alguns esclarecimentos acerca dos propósitos comunicativos e das características mais ou menos estabilizadas que observamos nos usos que os falantes fazem do Twitter. Assim, na primeira parte deste artigo, procuramos descrever em que consiste e como funciona essa ferramenta.

Na segunda parte, tencionamos discutir a questão nebulosa e por vezes polêmica concernente à conceituação dúbia de determinadas situações comunicativas como gênero ou como suporte. Nesse contexto, explicamos nossa opção por considerar o Twitter como gênero.

Finalmente, na terceira parte, fazemos uma breve reflexão acerca dos tênues limites existentes entre as duas modalidades da língua e tecemos considerações sobre as características que tornam esse gênero escrito que é o Twitter tão próximo de gêneros orais.

4 No item 2 deste artigo, procuramos discutir o que motivou nossa escolha de considerar o Twitter como gênero.

O Twitter

O Twitter é um *site* de rede social em que os usuários podem construir perfis e publicar mensagens instantâneas contendo até 140 caracteres. Essas mensagens são denominadas *tweets* e podem ser visualizadas por qualquer leitor que acesse as páginas do *site*⁵, sem necessidade da criação de uma conta. Apesar de ter o Twitter surgido a partir da pergunta "O que você está fazendo?", que viria a se tornar, "O que está acontecendo?"⁶, os *tweets* apresentam conteúdo diverso, que engloba, de modo geral, informações e comentários sobre eventos de interesse público, conversações em torno de assuntos privados, comentários relacionados ao cotidiano dos usuários, dentre outros. Segundo Mischaud (2007), o *site* constitui uma oportunidade única de analisar como as pessoas utilizam uma nova tecnologia de comunicação e como a ela se adaptam. Conforme o autor, o modo relativamente fácil de estar "em contato", proporcionado pela variedade de usos oferecida pelo *site*, faz do Twitter uma das mais populares e crescentes plataformas de comunicação *online*.

Ao criarem contas no Twitter, os usuários dispõem de alguns recursos que os auxiliam na interação com outros usuários, inseridos ou não em sua rede. A rede de um usuário inscrito no *site* é composta pelos membros por ele seguidos, agrupados na categoria *seguindo* e pelos membros que o seguem, reunidos na categoria *seguidores*.

Um dos recursos mencionados é o *retweetar*; ele possibilita a ação de reproduzir o *tweet* de outro usuário, isto é, de publicar a mensagem de outro membro sem alterá-la. Outra maneira de realizar essa ação é escrever a sigla *RT* seguida de @ e do nome de usuário do autor do *tweet* antes de colar o texto da mensagem e, então, submetê-lo como um *tweet* comum. Quando os membros utilizam o recurso automático, leitores não inscritos no *site* visualizam, ao final da mensagem, a informação de que o *tweet* foi reproduzido (*retweetado*). Quando a ação de republicação é realizada sem o emprego do recurso automático,

5 Os usuários do Twitter têm a opção de proteger suas contas. As páginas de contas protegidas podem ser visualizadas apenas por usuários inscritos no *site* e autorizados pelo dono da conta.

6 Quando os usuários do *site* acessavam a página inicial de suas contas, eles visualizavam, no canto esquerdo superior da página, a pergunta "O que está acontecendo?" e dispunham de um espaço limitado em até 140 caracteres para respondê-la. As respostas submetidas eram os *tweets*. Após nova mudança, a pergunta foi substituída pelo simples comando: "Publique um novo *tweet*".

leitores não inscritos sabem que a mensagem foi reproduzida devido à sigla *RT* seguida de @. Os membros empregam a sigla também como expressão referencial para designar a ação:

(1) **RT @linobocchini Pra dar RT até a morte: "Não existe maior censura do que a idéia de que a mídia não pode ser criticada", diz Lula**

3:24 PM Nov 24th via web

(<http://twitter.com/jessicawelma> 29.11.10)

Outro recurso disponível aos membros é o *responder*⁷; ele permite que os usuários comentem *tweets* específicos, como se estivessem respondendo aos autores desse *tweets*. Também é possível se dirigir a outro usuário, e até mesmo a mais de um usuário simultaneamente, sem a utilização do recurso automático. Os membros podem escrever o símbolo @ seguido do nome de usuário do interlocutor desejado antes do texto da mensagem e, então, submetê-lo como um *tweet* comum. Leitores não inscritos sabem que a mensagem foi em resposta ou simplesmente direcionada a outro membro ao visualizarem o símbolo @ seguido do nome de usuário do interlocutor:

(2) **@paulosena DENÚNCIA.....o vídeo foi retirado do youtube**

10:44 PM Nov 16th via web

(<http://twitter.com/alankbd> 21.12.10)

Java *et al.* (2007) classificaram em três categorias as intenções dos usuários ao utilizarem o Twitter. A primeira e a segunda categoria correspondem respectivamente à divulgação e à busca de informações. Nesse sentido, os *tweets* podem conter *links* de outras páginas do Twitter ou de outros *sites*, inclusive de *sites* hospedeiros de vídeos, músicas e imagens. Ao publicarem essas mensagens remissivas, os membros geralmente fazem comentários introdutórios e/ou opinativos:

(3) **Assange, o roqueiro do ano <http://bit.ly/gb2IQE>**

TueDec 14 2010 12:54:10 (Horário brasileiro de verão) via TweetDeck

(<http://twitter.com/alankbd> 22.12.10)

⁷ O *responder* pode ser considerado um recurso que permite aos usuários do Twitter estabelecer publicamente conversação entre si. É importante ressaltar que o site disponibiliza também um recurso que possibilita a conversação privada entre os membros. O recurso, que é atualmente denominado *mensagem*, era anteriormente chamado *DirectMessage*. Por essa razão os usuários se referem a ele empregando a sigla *DM*.

(4) **E mais uma vez, Zuckerberg tenta prever e disseminar alguma tendência na internet. Sem graça.** <http://migre.me/2expz>

MonNov 15 2010 16:34:27 (Horário brasileiro de verão) via TweetDeck
(<http://twitter.com/alankbd> 22.12.10)

Importa mencionar, ainda, o recurso *hashtag*. Nesse caso, não há uma ferramenta automática. Os membros podem utilizar o recurso escrevendo o símbolo # antes de palavras ou expressões consideradas importantes ou centrais no desenvolvimento de determinados tópicos. Quando essa ação é realizada, a palavra ou expressão antecedida por # se torna um *link* que, ao ser acessado, direciona o leitor a uma página contendo *tweets* de outros autores que mencionaram a mesma palavra ou expressão e também usaram o recurso *hashtag*.

De acordo com Recuero e Zago (2009), desde o seu surgimento em 2006, o Twitter vem apresentando um rápido crescimento no mundo e no Brasil, como confirmam dados apresentados pelas autoras. Nesse contexto, um fato observável foi que a popularidade do *site* estimulou o desenvolvimento de aplicativos e *websites* que funcionam como facilitadores e otimizadores dos recursos oferecidos pelo Twitter, como o *TweetDeck* e o *HootSuite*⁸, que também já se tornaram populares entre os usuários.

Twitter: gênero ou suporte?

A adoção do Twitter como objeto de estudo acabou por gerar uma inquietação que não havíamos previsto *a priori*. Embora sem a intenção de priorizarmos questões taxonômicas, demo-nos conta afinal de que não podíamos ignorar os problemas que envolvem o uso do termo gênero para nos referirmos ao ambiente de rede social de que tratamos. Esses problemas se materializaram na seguinte indagação: se considerarmos o Twitter um gênero discursivo, o que seriam os *tweets*? Não seria, então, o próprio *tweet* um gênero, enquanto o Twitter seria o suporte desse gênero?

Conforme a concepção que adotamos, os gêneros “caracterizam-se como eventos textuais maleáveis, dinâmicos e plásticos, [que] surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas”. (MARCUSCHI, 8 <http://hootsuite.com>)

2002, p.19). De fato, como percebemos nos últimos anos, o uso de novas tecnologias transformou as atividades comunicativas diárias, provocando o surgimento de gêneros novos, que tão logo deixam de sê-lo.

Diante dessa dinamicidade, apoiamo-nos em Bazerman (2005) para afirmar que se o conhecimento comum muda no decorrer do tempo, também os gêneros e as situações se alteram. Nesse sentido, Bazerman (1994, *apud* MARCUSCHI, 2006) ressalta que “nossas identificações de formas genéricas sempre terão curta duração” (MARCUSCHI, 2006, p. 24), uma vez que os gêneros são o que os falantes de uma comunidade linguística reconhecem como tais em cada momento histórico; são “rotinas sociais de nosso dia-a-dia”. (MARCUSCHI, 2006, p. 24). Na definição do próprio Marcuschi (2006), os gêneros são “formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de sentidos.” (MARCUSCHI, 2006, p. 25).

Embora reconheçamos a importância do suporte para a circulação do gênero, tornando-o acessível para fins comunicativos, essa concepção que atribui aos gêneros esse caráter social, cultural, histórico, interativo e dinâmico e, nas palavras de Bazerman (2005, p. 31), essa qualidade de “fenômeno de reconhecimento psicossocial” nos leva a considerar incoerente e inócua a tentativa de separar essas categorias. Na verdade, é exatamente por reconhecermos a imprescindibilidade do suporte na composição da situação comunicativa, sobretudo no caso em questão, que entendemos ser desnecessária a preocupação com a delimitação formal dessas categorias que de modo tão imbricado interatuam na produção de sentidos. Se tomarmos o Twitter pelo suporte em que circula o gênero *tweet* e considerarmos um e outro como instâncias isoladas, facilmente, percebemos seu esvaziamento em termos de funcionalidade. Os *tweets* só funcionarão como gênero no ambiente do Twitter, que, por sua vez, não servirá a outro propósito, que não a publicação de *tweets*.

Apesar de ter sido desenvolvido como uma ferramenta eletrônica com propósitos e funções estabelecidos artificialmente, desde sua criação, o Twitter vem sofrendo transformações desencadeadas a partir dos tipos de interação que foram emergindo entre os usuários por intermédio da ferramenta. Até a pergunta original pensada como ponto de partida para as postagens no *site* (O que você está fazendo?) foi

alterada em função dos usos que os falantes fizeram dele. Esses usos tornaram-se situações comunicativas recorrentes e adquiriram funções específicas.

Cabe ressaltar que não temos, aqui, a intenção de afixar a etiqueta *gênero* ao Twitter. Estamos apenas procurando esclarecer que, sem reducionismos formais, decidimos tratar por gênero essa ferramenta que emerge “nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos.” (BAZERMAN, 2005, p. 31).

O Twitter como um gênero híbrido

Já há algum tempo, as modalidades oral e escrita da língua têm deixado de ser vistas pelos linguistas como categorias estanques, embora muitos manuais de ensino resistam a essas mudanças e continuem apontando características bem definidas que demarcariam os limites entre uma e outra. Também não é novidade que os gêneros discursivos situam-se entre as duas modalidades, apresentando traços que os aproximam mais ou menos dos gêneros prototípicos de cada uma delas, como bem demonstra Marcuschi (2007).

Nesse sentido, Marcuschi (2002) chama atenção para o modo como alguns gêneros emergentes vêm transformando a relação entre a oralidade e a escrita, evidenciando fortemente a indefinição de fronteiras entre as duas modalidades. Para o autor, esses gêneros, que emergiram a partir da diversificação de mídias ocorrida no último século, criaram formas de comunicação híbridas que desafiam a visão dicotômica a respeito das modalidades da língua.

No Twitter, esse hibridismo de que fala Marcuschi se mostra nas estratégias de escrita empregadas pelos usuários. A interação que se estabelece entre os interlocutores que fazem uso do gênero o aproxima sobremaneira dos gêneros prototípicos da fala no que diz respeito à utilização de expressões marcadoras de alta acessibilidade. Os enunciados são construídos com larga ancoragem no contexto situacional.

É oportuno esclarecer que quando falamos de expressões marcadoras de alta acessibilidade, estamos remetendo à teoria da

acessibilidade de Ariel (2001). Segundo Costa (2007), Ariel estabelece uma escala de formas pautada sob princípio de acessibilidade cognitiva, pelo qual formas menos informativas, menos rígidas e mais atenuadas são empregadas para instruir os interlocutores a recuperarem entidades mentais mais acessíveis.

Cabe também acrescentar que, no Twitter, em muitos enunciados, nenhuma expressão referencial é empregada para remeter diretamente ao referente, tamanha é a pressuposição de alta acessibilidade desse referente por parte do enunciador. É o que observamos no exemplo a seguir:

(5) **Eu tenho minha opinião formada, mas queria ouvir meus colegas jornalistas esportivos: Kajuru foi ético?**
about 5 hours ago via Gravity
(<http://twitter.com/alerocha> 16.03.11)

A curta extensão formal dos *tweets*, a alta frequência com que os usuários do *site* publicam essas mensagens e a rapidez com que as mensagens são comentadas (através do recurso *responder*) ou republicadas (a partir do recurso *retweetar*) por outros usuários são indícios de que o Twitter é um gênero cujo consumo é imediato. Desse modo, o tempo da enunciação parece ser compartilhado entre os interlocutores que fazem uso do gênero.

De acordo com Violi (2009), a interação face a face, que é a forma prototípica do diálogo oral, pode ser caracterizada basicamente por dois aspectos. O primeiro é o meio oral como canal da comunicação; o outro é o partilhamento da situação de elocução pelos participantes. Esse partilhamento implica, para a autora, a co-presença dos interactantes, sua localização no mesmo tempo e espaço e sua acessibilidade mútua.

A autora salienta que quando observamos um gênero escrito como a carta, percebemos que não foi a alteração do meio o principal fator responsável pelas diferenças que se fazem presentes entre esse gênero e a interação face a face, mas a alteração da situação de elocução. "A escrita separa drasticamente a situação de produção da de recepção e introduz um vácuo entre o emissor e o receptor, entre o tempo e o espaço da escrita, e o tempo e o espaço da leitura". (VIOLI, 2009, p. 47).

Segundo Violi (2009), a redução (quase anulação) do espaço de tempo entre a produção e a recepção do texto que percebemos ao voltar

nossa atenção para outro gênero escrito, o *e-mail*, transforma tanto a estrutura textual como a forma de interação entre os interlocutores. “A quase contemporaneidade da troca dialógica dá origem a uma forma de comunicação que é intermediária entre a comunicação oral e a escrita.” (VIOLI, 2009, p. 47). A autora explica que, ao fazerem uso do *e-mail*, os falantes, apesar de separados fisicamente, simbolizam a distância temporal como inexistente. Isso faria com que suas estratégias de escrita fossem conduzidas pela ideia de uma possível contemporaneidade. “O ‘agora’ do remetente é assumido como sendo o mesmo ‘agora’ do destinatário.” (VIOLI, 2009, p. 51).

Semelhante fenômeno parece ocorrer no Twitter, como podemos verificar no exemplo a seguir. Observamos, quando o interlocutor emprega o dêitico temporal *hj*, que há um sistema de referências espaço-temporais que coincidem entre emissor e destinatário.

(6) **hj fantástico é Michael Jackson e Rio? O.o**
about 13 hours ago via Dabr
(<http://twitter.com/marcelobloc> 29.11.10)

Neste outro exemplo, ainda mais peculiar, quando o autor emprega o pronome demonstrativo *esse*, apontando para fora da superfície textual, ele parece pressupor não apenas um partilhamento do tempo da enunciação com seus interlocutores, mas uma co-presença ilusória, como se emissor e destinatários estivessem mutuamente acessíveis:

(7) **Esse é o Celso Roth q eu conheço #Mundial**
about 19 hours ago via TweetDeck
(<http://twitter.com/alankbd> 15.12.10)

No exemplo a seguir, a coincidência de referências espaço-temporais entre os interlocutores se torna bastante evidente no emprego pelo enunciador dos advérbios *aqui* e *agora*. Além disso, a seleção da expressão definida *o helicóptero* para remeter a entidade pretendida parece indicar a pressuposição do emissor de que tal entidade é muito acessível; de que o destinatário é perfeitamente capaz de recuperá-la.

(8) **O helicóptero está sobrevoando aqui no Complexo do Alemãoagora !!**
about 1 hour ago via web
(<http://twitter.com/vozdacomunidade> 29.11.10)

A utilização, tão comum no Twitter, desses marcadores de alta acessibilidade, possivelmente propiciada pelas condições de produção específicas do gênero, como alta dinamicidade, economia de caracteres, circulação em rede, popularidade, presença em múltiplos domínios discursivos, e pela amplitude de seus propósitos comunicativos, que, por circular o gênero em diversas esferas, vão desde o envio de mensagens pessoais até notícias de guerra em tempo real, fomentando a ideia de que o mundo inteiro está conectado, aproxima de tal maneira esse gênero escrito de gêneros orais, que o torna um excelente exemplo de uso da língua para evidenciar essa dicotomia (oralidade vs escrita) em desconstrução.

Considerações finais

Com o intuito de demonstrar o hibridismo entre as modalidades oral e escrita da língua presente no Twitter, procuramos caracterizar algumas estratégias discursivas próprias desse gênero. Vimos, com Marcuschi (2002), que os avanços tecnológicos, sobretudo no último século, proporcionaram o surgimento de novas mídias, que, por sua vez, constituíram suportes para a circulação de diversos gêneros, emergentes de práticas sociais inauguradas (ou adaptadas) a partir dessas transformações.

Inserindo-se nesse grupo de gêneros emergentes, o Twitter tem nos dado a conhecer formas de comunicação peculiares, híbridas do ponto de vista das estratégias discursivas, nos fazendo constatar, junto a Violi (2009), que o canal de comunicação (oral ou escrito) não é suficiente para caracterizar um gênero, uma vez que a situação de elocução é inscrita nos textos; o modo como os interlocutores simbolizam essa situação condiciona a escolha dos recursos discursivos que realizam.

Referências

- ARIEL, M. Accessibility theory: an overview. In: SANDERS, T., SCHILPEROORD, J. e SPOOREN, W. (Eds) **Text representation: linguistics and psycholinguistics aspects**. Amsterdam/Philladelphia: Benjamins, 2001. p. 29-89.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. DIONÍSIO, A. P. e HOFFNAGEL, J. C. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2005.

COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão.** 214p. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: UFC, 2007.

GEE, J. Oral Discourse in a World of Literacy. In: BLOOME, D., DYSON, A., GEE, J., NYSTRAND, M., et al. *Orality and Literacy: A Symposium in Honor of David Olson. Research in the Teaching of English.*v. 41, n. 2. USA: NCTE NATIONAL COUNCIL OF TEACHERS OF ENGLISH, 2006. p. 153-159.

JAVA, A., SONG, X., FININ, T., & TSENG, B. **Why We Twitter: Understanding Microblogging Usage and Communities.** 9th WEBKDD and 1st SNA-KDD Workshop '07. San Jose, California, USA, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.p. 19-37.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B., BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-36.

MARCUSCHI, L. A. (Org.); DIONÍSIO, A. P. (Org.). **Fala e Escrita.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MISCHAUD, E. **Twitter:** Expressions of the Whole Self. An investigation into user appropriation of a web-based communications platform. Dissertação de mestrado em Politics and Communication. London School of Economics and Political Science, 2007.

RECUERO, R. e ZAGO, G. (2009) **Em busca das "redes que importam": Redes Sociais e Capital Social no Twitter.** Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/trabalhos_arquivo_coirKgAeuz0ws.pdf> Anais do XVIII Encontro da Compós: Belo Horizonte, MG, junho de 2009.

VIOLI, P. O diálogo eletrônico entre a oralidade e a escrita: uma abordagem semiótica. Tradução: Maria Helenice Araújo Costa. In: BEZERRA, B.G. BIASE-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE. M. M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais.** Recife: Edup, 2009.p. 45-63.

Recebido em 08 de novembro de 2012.

Aceito em 08 de abril de 2013.